

O DISCURSO NA PRIMEIRA INFÂNCIA E AS IDENTIDADES SOCIAIS

SPEECH IN EARLY CHILDHOOD AND SOCIAL IDENTITIES

Michelle Dal Berto Sasso¹

Mara Andrea Kai Bellini²

Greice Lopes Cezar³

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/h7tycp56>

Publicado em: 28.12.2025

Resumo: Este artigo analisa a importância da estrutura familiar na formação da identidade, dos valores e dos sentimentos de crianças da Educação Infantil. Mesmo na primeira infância, as crianças já apresentam marcas emocionais decorrentes de suas vivências familiares, as quais influenciam suas interações e experiências no contexto escolar. A pesquisa, de abordagem qualitativa e fundamentada na pesquisa-ação, foi realizada ao longo de dois meses em uma escola privada do município de Sorriso/MT, envolvendo duas crianças de cinco anos. Ambas possuíam condições socioeconômicas semelhantes, diferenciando-se pela configuração familiar, sendo uma oriunda de família nuclear estável e a outra marcada pelo recente divórcio dos pais. As estratégias metodológicas incluíram observações em sala de aula e atividades pedagógicas voltadas à expressão emocional, como contação de histórias, uso dos “monstrinhos dos sentimentos”, exibição do filme *Divertidamente* e a “aula da saudade”. Os resultados evidenciam que a família exerce papel central no desenvolvimento emocional e identitário infantil, mediado pela linguagem, compreendida como prática social e cultural.

Palavras-chave: Educação Infantil; Estrutura Familiar; Emoções; Identidade Infantil; Linguagem.

Abstract: This article examines the importance of family structure in the formation of identity, values, and emotions of children in Early Childhood Education. Even in early childhood, children display emotional marks resulting from family experiences, which influence their interactions and school life. This qualitative study, based on action research, was conducted over two months in a private school in Sorriso, Mato Grosso, Brazil, involving two five-year-old children with similar socioeconomic conditions but different family configurations. Data were collected through classroom observations and pedagogical activities focused on emotional expression, including storytelling, the use of “emotion monsters,”

- 1 Discente do Programa em Práticas Sociocultural e Desenvolvimento Social (UNICRUZ) Licenciada em Letras (UNICRUZ). E-mail: girassol.ws@gmail.com
- 2 Discente do Programa em em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (UNICRUZ). Licenciada em Letras (UNICRUZ). E-mail: marabellini2024@hotmail.com
- 3 Discente do Programa em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (UNICRUZ). Licenciada em Pedagogia (UFPel). E-mail: greicelopes15@gmail.com



the screening of the film *Inside Out*, and a “longing lesson.” The findings highlight the central role of the family in children’s emotional and identity development, mediated by language understood as a social and cultural practice.

Keywords: Early Childhood Education; Family Structure; Emotions; Child Identity; Language.

Considerações iniciais

Este artigo tem como objetivo descrever a importância da estrutura familiar na formação da identidade, dos valores e dos sentimentos das crianças da Educação Infantil. Apesar da pouca idade, as crianças já trazem consigo marcas emocionais decorrentes de suas vivências familiares, as quais influenciam significativamente suas experiências de vida. Tais emoções manifestam-se no meio social por meio de falas, discursos, desenhos, relatos, expressões faciais e comportamentos, modificando suas formas de interação e percepção do mundo.

Ao descrever conflitos, emoções e realizações expressas pelas crianças no contexto escolar, resultantes de experiências familiares bem ou malsucedidas, este artigo analisa duas crianças. A primeira possui uma estrutura familiar composta por mãe, pai e a criança, convivendo no mesmo lar. A segunda também possuía essa mesma configuração familiar, porém seus pais se divorciaram no ano de 2024. Ambas as crianças têm cinco anos de idade e frequentam, desde os dois anos, a mesma escola da rede privada do município de Sorriso/MT. As duas famílias apresentam estabilidade financeira e mantêm relações afetivas consistentes com as crianças. No entanto, ao longo da pesquisa-ação, foi possível compreender os sentimentos relatados por ambas e evidenciar a forte influência da família nesse período do desenvolvimento, especialmente no processo de formação da identidade.

A pesquisa teve duração de dois meses, nesse período, foram realizadas observações diretas em sala de aula, levantamento de questões com os alunos e aplicação de diversas atividades pedagógicas, como o uso dos “monstrinhos dos sentimentos”, contação de histórias relacionadas às emoções (raiva, amor, tristeza, alegria e saudade) e a exibição do filme *Divertidamente*, que aborda de forma lúdica os sentimentos e as emoções humanas. Como culminância das atividades, foi realizada a chamada “aula da saudade”, na qual cada criança relatou o significado desse sentimento e o representou por meio de desenhos.

Para compreender de que modo as experiências familiares influenciam a formação da identidade, dos valores e das emoções das crianças na Educação Infantil, torna-se fundamental recorrer à concepção de linguagem como elemento mediador dessas vivências. As emoções, os conflitos e os sentimentos observados ao longo da pesquisa-ação manifestam-se, sobretudo, por meio da linguagem, seja nas falas, nos gestos, nos desenhos, nas expressões faciais ou nas narrativas construídas no contexto escolar. Assim, a análise das manifestações infantis exige uma compreensão teórica que reconheça a linguagem como prática social, histórica e culturalmente

situada, capaz de revelar sentidos, subjetividades e marcas das relações familiares. Nesse contexto, a seção a seguir discute a concepção de linguagem que fundamenta este estudo, articulando-a às expressões emocionais e discursivas das crianças observadas.

Concepção de linguagem

A linguagem possibilita que o ser humano viva em sociedade de forma organizada, pois todas as atividades humanas são mediadas por ela, independentemente da modalidade em que se manifeste — oral, escrita, imagética, gestual ou por meio de expressões faciais. Assim, a linguagem está presente em todas as dimensões da vida social, constituindo-se como elemento fundamental para a comunicação, a construção de sentidos e a interação entre os sujeitos.

De acordo com Fairclough (2011), toda prática social é composta por elementos como os sujeitos e suas relações sociais, as atividades, os objetos, os instrumentos, o tempo e o lugar, os valores, as formas de consciência e o discurso. Embora distintos, tais elementos são indissociáveis no interior da vida social (FAIRCLOUGH, 2010). Nessa perspectiva, o discurso é compreendido como o uso da linguagem — falada, escrita ou não verbal — e configura-se como modo de prática social e de ação sobre o mundo, estando interconectado aos demais componentes que constituem as práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2001; RESENDE; RAMALHO, 2011).

Os pensamentos, sentimentos e emoções humanas são expressos por meio da linguagem, seja de forma verbal ou não verbal. Sempre que há dois agentes em interação comunicativa, estabelece-se um processo de linguagem, no qual um sujeito expressa e o outro interpreta e compreende. Conforme afirmam Bakhtin e Volóchinov (2006 p. 115), “...toda palavra comporta duas faces: ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém quanto pelo fato de que se dirige para alguém.”, constituindo-se como produto essencialmente social e dialógico.

O pensamento manifesta-se por meio da linguagem e encontra-se em constante transformação; por intermédio dela, o ser humano modifica o meio em que está inserido, constrói significados e atua socialmente. Nessa direção, Vygotsky (2007) defende que o aprendizado não pode ser dissociado do contexto histórico, social e cultural. Para aprender e elaborar conhecimentos, o indivíduo necessita interagir com outros sujeitos, com o meio e com a cultura. Segundo o autor, as relações sociais convertem-se em aprendizagem por meio da mediação — ação que se interpõe entre sujeito e objeto do conhecimento —, realizada com o auxílio de instrumentos e signos produzidos historicamente, como a linguagem, a escrita e o sistema numérico.

A Análise Crítica do Discurso (ACD) investiga o discurso a partir do nível de acesso que determinados grupos possuem ao conhecimento, acesso esse condicionado por fatores sociais como governo, crenças e condições econômicas. Desse modo, a análise discursiva ultrapassa os limites da descrição linguística ou gramatical e passa a compreender o discurso como reflexo do meio em que é produzido, revelando aspectos estruturais das relações de poder e das desigualdades presentes na sociedade.

Considerando que o discurso reflete o contexto de sua produção, torna-se possível, por meio dele, compreender a realidade social de determinados grupos e as múltiplas dimensões que a atravessam. Nesse sentido, a ACD permite identificar as ideologias mobilizadas pelos grupos dominantes e as estratégias discursivas empregadas para sua manutenção, evidenciando como a linguagem atua na legitimação ou contestação das relações de poder.

A formação da identidade

A formação da identidade constitui um processo complexo, permeado por sentimentos, escolhas conscientes e inconscientes e pelos investimentos pessoais que o sujeito realiza ao longo de sua trajetória de vida. Essa construção não ocorre de forma linear, mas resulta de experiências sociais, culturais e afetivas que possibilitam ao indivíduo reconhecer-se e diferenciar-se em relação aos outros.

A identidade pode ser compreendida e reinterpretada a partir de diferentes perspectivas teóricas, considerando a singularidade e a complexidade subjetiva de cada pessoa. Nesse sentido, Bauman (2005, p. 91) afirma que “a construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam”, evidenciando o caráter dinâmico, processual e inacabado desse fenômeno.

Originado no campo da filosofia, o conceito de identidade refere-se àquilo que torna algo idêntico a si mesmo e, simultaneamente, distinto dos demais. Habermas destaca que “a autoidentificação predicativa que efetua uma pessoa é, em certa medida, condição para que essa pessoa possa ser identificada genericamente e numericamente pelas demais” (HABERMAS, s.d., p. 147). Desse modo, a identidade constitui-se de forma dialética na relação entre indivíduo e sociedade, envolvendo tanto o reconhecimento de si quanto o reconhecimento pelo outro.

Enquanto ser social, o sujeito encontra-se inserido em redes de relações comunicacionais que influenciam suas formas de agir, pensar e significar o mundo. Essas relações são atravessadas por processos de poder e subjetividade, os quais podem conduzir tanto à conformação quanto à flexibilização das ações individuais frente às transformações sociais. Nesse contexto, a memória assume papel central, pois a representação de si está associada ao sentimento de continuidade temporal entre passado, presente e futuro (HAVILAND et al., 1994).

Na infância, o processo de construção identitária adquire especial relevância, uma vez que a criança está em constante interação com diferentes práticas de socialização e letramento. A escola assume, nesse cenário, função decisiva ao possibilitar o reconhecimento das múltiplas identidades e ao valorizar as experiências trazidas pelos estudantes. Construir a própria identidade implica buscar equilíbrio entre aquilo que se é e o que socialmente se espera, considerando que o outro atua como espelho social por meio do qual o indivíduo se reconhece e se avalia (WHETTEN; GODFREY, 1998).

Ao ingressar na escola, cada criança traz consigo valores, saberes e referências familiares que, gradativamente, entram em diálogo com a cultura escolar. Nesse processo de interação, constitui-

se uma identidade de grupo, marcada pelos vínculos estabelecidos com colegas e professores e pelo reconhecimento social no espaço educativo. As representações coletivas derivam de histórias e experiências compartilhadas, orientando práticas e estabelecendo fronteiras simbólicas entre os grupos (DESCHAMPS et al., 1999; CUCHE, 1996).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil definem a criança como sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Essa concepção evidencia que a identidade infantil é construída a partir de experiências sociais concretas e das oportunidades de participação cultural. A identidade familiar exerce forte influência nesse processo, pois os valores e referências constituídos no âmbito doméstico manifestam-se no cotidiano escolar, revelando a diversidade de trajetórias e modos de ser. A família, portanto, configura-se como instituição fundamental para o desenvolvimento afetivo e social do indivíduo.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, é nas primeiras experiências sociais — na família, na escola e na comunidade — que as crianças constroem percepções sobre si e sobre os outros, desenvolvendo autonomia, senso de pertencimento e respeito às diferenças (BRASIL, 2015). Cabe à Educação Infantil promover situações que ampliem o contato com distintos grupos e culturas, favorecendo a valorização da identidade e o reconhecimento da pluralidade humana.

Assim, a legislação educacional brasileira assegura o desenvolvimento integral da criança, cabendo às instituições de ensino organizar práticas pedagógicas que contemplem as dimensões afetiva, social, cultural e cognitiva. A construção da identidade constitui, nesse sentido, uma tarefa compartilhada entre família, escola e sociedade, em um movimento contínuo de interação e ressignificação.

As emoções na primeira infância

Ao nascer, a primeira forma de expressão do bebê é o choro, manifestação inicial por meio da qual comunica suas necessidades e estabelece contato com o mundo. Esse gesto inaugura o processo de interação entre a criança e aqueles que a cercam, especialmente a mãe ou os cuidadores, que passam a interpretar e atribuir sentidos a essas manifestações afetivas.

O desenvolvimento emocional configura-se como um processo contínuo que se inicia na infância e se estende por toda a vida. Nos primeiros meses, é possível identificar emoções básicas, como alegria, raiva, tristeza e medo. Com a progressiva construção do senso de identidade, emergem sentimentos mais complexos, tais como timidez, surpresa, vergonha, culpa, orgulho e empatia. Crianças em idade escolar ainda estão aprendendo a reconhecer suas emoções,

compreender suas causas e administrá-las de maneira socialmente adequada (FRANCO; SANTOS, 2015).

Ao longo do crescimento, a criança aprimora suas habilidades e vivencia os chamados saltos de desenvolvimento, característicos da primeira infância. Entre os quatro meses e os seis anos, são frequentes períodos de conflito emocional, nos quais os sentimentos se manifestam de forma intensa e, por vezes, contraditória. Cada criança expressa essas emoções de maneira singular — algumas de modo mais contido, outras de forma mais expansiva —, e nem sempre as famílias estão preparadas para lidar com tais transformações.

Em cada etapa do desenvolvimento, a criança vai constituindo aspectos de sua identidade, os quais tendem a acompanhá-la ao longo da vida. A manutenção de um ambiente familiar estável, aliado à presença de rotinas seguras, mostra-se fundamental para que os conflitos próprios da infância sejam elaborados de maneira saudável, evitando repercussões negativas na adolescência e na vida adulta.

Com o amadurecimento, amplia-se a capacidade da criança de responder às demandas sociais, o que envolve não apenas o controle das manifestações emocionais, mas também a formação de novas associações cognitivas. Para isso, é necessário que ela compreenda o que sente e avalie formas adequadas de reagir às situações externas, desenvolvendo estratégias de enfrentamento compatíveis com o contexto vivido (PINHEIRO, 2018).

Antes do domínio da linguagem oral, a criança comunica-se predominantemente por meio do corpo. Gestos, olhares, choros, mordidas, abraços e movimentos expressam afeto, frustração, alegria ou tristeza. A oralidade surge gradativamente, ampliando as possibilidades de expressão; contudo, o corpo permanece como importante veículo de comunicação emocional ao longo da infância.

Educar emocionalmente implica validar sentimentos, exercitar a empatia e auxiliar a criança a reconhecer e nomear suas emoções. Esse processo envolve, ainda, o estabelecimento de limites, o ensino de formas socialmente aceitas de expressão, a promoção do respeito ao outro e o desenvolvimento de estratégias para a resolução de conflitos (ARRUDA, 2015).

As experiências vividas constituem a base para a interpretação da realidade e para a formação das percepções individuais. As sensações e observações do cotidiano, mediadas pelas relações sociais, orientam as tomadas de decisão e a construção de formas próprias de expressão. Nesse sentido, Michaliszyn (2008, p. 20) afirma que “pensamentos, ações e emoções não são formas inatas ou herdadas biologicamente, mas resultam de experiências e relações impostas pelo outro no decorrer de nossa inserção na vida social”.

Nos primeiros cinco anos de vida, o desenvolvimento infantil ocorre de maneira acelerada em quatro grandes áreas: motora, comunicação e linguagem, cognitiva e socioemocional. A partir dessas conquistas, a criança passa a expressar-se oralmente e a atribuir significados às experiências vivenciadas na família, na escola e no meio social. Tais experiências deixam marcas que influenciam a identidade ao longo da vida, sendo os pais e cuidadores referências centrais,

especialmente na infância, período em que se constituem os principais modelos de interação e de valores.

O papel da família na primeira infância

O primeiro espaço de socialização da criança é a família, contexto no qual se iniciam a formação da identidade pessoal, social e psicológica, bem como a construção de valores. Por meio das interações com pais e responsáveis, a criança vivencia seus primeiros processos de letramento e de significação do mundo, os quais repercutirão posteriormente no ambiente escolar. Ao longo das diferentes etapas da vida, distintos meios sociais influenciam sua constituição subjetiva e a formação do caráter, fazendo das experiências vividas marcos decisivos desse percurso.

A infância é o período em que ocorrem transformações expressivas no campo emocional e nas formas de manifestação dos sentimentos. Nessa fase, a participação dos pais mostra-se fundamental, pois são eles que auxiliam a criança a compreender, nomear e regular suas emoções, compondo aspectos da parentalidade que impactam diretamente o desenvolvimento emocional infantil (MENDES; RAMOS, 2020).

Os responsáveis assumem papel central ao apresentar o mundo à criança, atribuindo significados às experiências e estabelecendo referências do que é considerado certo e errado. No convívio familiar, aprendem-se hábitos básicos de vida social, práticas de autocuidado e valores que tendem a acompanhar o indivíduo ao longo da vida adulta. Quando a instituição familiar oferece um ambiente estável e afetivo, observa-se maior segurança emocional, autonomia e capacidade de enfrentamento das situações cotidianas. Nesse sentido, Goleman (2011, p. 233) destaca que:

A vida em família é onde iniciamos a aprendizagem emocional; nesse caldeirão íntimo aprendemos como nos sentir em relação a nós mesmos e como os outros vão reagir a nossos sentimentos; aprendemos como avaliar nossos sentimentos e como reagir a eles; aprendemos como interpretar e manifestar nossas expectativas e temores.

Entretanto, as configurações familiares contemporâneas têm passado por mudanças significativas. Rotinas extensas de trabalho, escassez de tempo para o diálogo e dificuldades no estabelecimento de limites podem fragilizar os vínculos afetivos. Situações como violência doméstica, dependências químicas, separações conflituosas ou instabilidade emocional dos responsáveis tendem a interferir no desenvolvimento infantil, favorecendo o acúmulo de emoções negativas e o surgimento de possíveis desordens afetivas.

Mendes e Ramos (2020) apontam que os pais atuam como agentes fundamentais de socialização e desempenham papel ativo no desenvolvimento emocional dos filhos. A forma como as crianças expressam seus sentimentos reflete os modelos de interação vivenciados no grupo social de pertencimento, ao mesmo tempo em que revela particularidades individuais. Assim, a qualidade das relações familiares influencia diretamente a maneira como a criança aprende a lidar com o mundo, com os outros e consigo mesma.

O papel da escola na primeira infância

A escola constitui o primeiro espaço social sistematizado frequentado pela criança e, quanto mais cedo ocorre essa inserção, maiores tendem a ser os benefícios para o desenvolvimento da autonomia e da linguagem. O convívio com pares e com outros adultos amplia as possibilidades de comunicação, pois a aprendizagem assume caráter relacional e é potencializada pela diversidade de estímulos oferecidos.

A Base Nacional Comum Curricular estabelece como direitos de aprendizagem na Educação Infantil: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Tais direitos devem ser assegurados por meio de práticas pedagógicas intencionais que reconheçam a criança como sujeito histórico e capaz de levantar hipóteses, questionar e construir conhecimentos (BRASIL, 2017).

Cabe à escola promover abordagens inovadoras e lúdicas, baseadas na investigação e na criatividade, respeitando as especificidades da infância. Conforme Barbosa (2009, p. 12), a Educação Infantil tem como função possibilitar a vida em comunidade, aprendendo a acolher a diversidade e a compreender o mundo a partir do olhar do outro, por meio de experiências que permitam a internalização das formas culturais de pensar e agir.

Nesse espaço, a criança desenvolve habilidades socioemocionais, aprende a lidar com conflitos e a expressar sentimentos de maneira respeitosa. Gomes (2002, p. 39) ressalta que a escola é um dos locais que interferem na construção da identidade, podendo tanto valorizar diferenças quanto estigmatizá-las. Por isso, torna-se essencial que a instituição promova práticas inclusivas e dialógicas.

Dourado (2003, p. 62) reforça que a escola é espaço sociocultural marcado por múltiplos saberes e vivências formativas, no qual todos têm contribuições a compartilhar. Assim, o ambiente escolar não é neutro, mas atravessado por conflitos e contradições que também participam da constituição identitária dos estudantes.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo descrever a importância da estrutura familiar na formação da identidade, dos valores e das emoções de crianças da Educação Infantil, considerando as formas pelas quais essas dimensões se manifestam no contexto escolar por meio da linguagem verbal e não verbal. A partir desse propósito, buscou-se compreender como experiências familiares distintas influenciam a expressão dos sentimentos, as interações sociais e o processo de construção identitária na primeira infância.

Os resultados obtidos por meio da pesquisa-ação, desenvolvida com observação direta, atividades pedagógicas mediadas por histórias, filmes, desenhos e propostas voltadas à educação emocional, permitiram identificar que a família exerce papel central na constituição afetiva da criança. A segurança emocional, a estabilidade das rotinas e a qualidade dos vínculos familiares

mostraram-se elementos determinantes para a forma como as crianças reconhecem, expressam e elaboram suas emoções no ambiente escolar, confirmando a influência direta da estrutura familiar nesse processo.

A análise dos casos acompanhados evidenciou que vivências familiares distintas produzem modos igualmente distintos de elaboração emocional. As manifestações de sentimentos como saudade, alegria, tristeza e insegurança revelaram-se diretamente relacionadas às experiências afetivas vividas no contexto familiar, reafirmando que a criança interpreta e significa o mundo a partir das relações que estabelece com suas referências primárias. Tais achados atendem ao objetivo de analisar como conflitos, emoções e realizações expressos no meio escolar refletem experiências familiares bem-sucedidas ou marcadas por reorganizações e rupturas.

Observou-se, ainda, que a escola desempenha papel fundamental como espaço de mediação, escuta e acolhimento, ao possibilitar a identificação de sinais de sofrimento emocional e promover o diálogo com as famílias. Esse aspecto confirma a relevância da articulação entre família e escola, objetivo transversal deste estudo, evidenciando que práticas pedagógicas sensíveis às emoções contribuem para intervenções preventivas e para o desenvolvimento integral da criança.

Dessa forma, reafirma-se que a construção da identidade na Educação Infantil ocorre de maneira relacional, dinâmica e socialmente situada, envolvendo linguagem, emoções e experiências vividas. Cabe à escola integrar às suas práticas pedagógicas estratégias que favoreçam a expressão dos sentimentos e o reconhecimento das vivências infantis, ao passo que à família compete oferecer um ambiente afetivo, seguro e dialógico, capaz de sustentar o desenvolvimento emocional da criança.

Conclui-se, portanto, que o trabalho com as emoções na Educação Infantil constitui dimensão estruturante do processo educativo e responde diretamente ao objetivo deste artigo, ao evidenciar que a estrutura familiar exerce influência significativa na formação identitária e emocional das crianças. Investir em práticas educativas que promovam o diálogo, o respeito às diferenças e o fortalecimento dos vínculos afetivos mostra-se fundamental para garantir um desenvolvimento mais equilibrado e consciente desde a primeira infância.

Referências

- AGUIAR, Márcia Angela; A. M. Retrato da escola no Brasil. Brasília: CNTE, 2004.
- ARRUDA, E. Educação emocional na infância: caminhos para a formação integral. São Paulo: Cortez, 2015.
- BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. Questões de literatura e estética: a teoria do romance. São Paulo: Editora Unesp, 1998. p. 71-210.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLÓCHINOV, Valentin. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.

- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Práticas cotidianas na Educação Infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília, DF: MEC/SEB/UFRGS, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 20/2009. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília, DF: MEC, 2017.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CUCHE, Denys. La notion de culture dans les sciences sociales. Paris: La Découverte, 1996.
- DESCHAMPS, Jean-Claude et al. Vies sociales: l'identité sociale – la construction de l'individu dans les relations entre groupes. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1999.
- DOURADO, Luiz Fernandes. Gestão democrática da escola: movimentos, tensões e desafios. São Paulo: Cortez, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman; MELO, Iran. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. Linha D'Água, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012.
- FRANCO, Maria; SANTOS, Daniela. Desenvolvimento emocional infantil e práticas educativas. São Paulo: Vozes, 2015.
- GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. Cadernos Pagu, Campinas, n. 6-7, p. 67-82, 1996.
- HAVILAND, J. M. et al. The place of emotion in identity. Journal of Research on Adolescence, v. 4, p. 503-518, 1994.
- HABERMAS, Jürgen. Para a reconstrução do materialismo histórico. Lisboa: Edições 70, [s.d.].
- LOPES, I. R. R. Desenvolvimento social e afetivo na primeira infância: concepções de professoras. Revista Caparaó, v. 2, n. 2, e24, 2020.
- MENDES, Ana; RAMOS, Patrícia. Parentalidade e desenvolvimento emocional infantil. São Paulo: Artmed, 2020.
- MICHALISZYN, Mario. Fundamentos sociológicos da educação. Curitiba: InterSaberes, 2008.
- PINHEIRO, M. J. S. (Des)regulação emocional na adolescência: estratégias de regulação e problemas emocionais e de comportamento. 2018. Tese (Doutorado)
- VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WHETTEN, David; GODFREY, Paul. Identity in organizations. London: Sage Publications, 1998.